

FAV
FACULDADE DE
ARTES VISUAIS



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

**ME FORMANDO COM CRIANÇAS APRENDI A ENSINAR: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA SOBRE AS VIVÊNCIAS EM ARTES VISUAIS NO ESTÁGIO NÃO
OBRIGATÓRIO NO DEI/CEPAE/UFG**

Beatriz França Oliveira

GOIÂNIA, 2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Beatriz França Oliveira

Título do trabalho: Me formando com crianças aprendi a ensinar: um relato de experiência sobre as vivências em artes visuais no estágio não obrigatório no DEI/CEPAE/UFG

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Noeli Batista Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 12/06/2025, às 11:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Beatriz França Oliveira, Discente**, em 12/06/2025, às 13:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5433775** e o código CRC **8B4505FE**.

Referência: Processo nº 23070.026500/2025-18

SEI nº 5433775

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

ME FORMANDO COM CRIANÇAS APRENDI A ENSINAR: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA SOBRE AS VIVÊNCIAS EM ARTES VISUAIS NO ESTÁGIO NÃO
OBRIGATÓRIO NO DEI/CEPAE/UFG

Beatriz França Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Artes Visuais da Universidade
Federal de Goiás, como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada em Artes
Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Noeli Batista dos
Santos.

GOIÂNIA, 2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Oliveira, Beatriz França

Me formando com crianças aprendi a ensinar: um relato de experiência sobre as vivências em artes visuais no estágio não obrigatório no DEI/CEPAE/UFG [manuscrito] / Beatriz França Oliveira. - 2025.

48 f.

Orientador: Profa. Dra. Noeli Batista dos Santos.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2025.

Bibliografia.

Inclui siglas, abreviaturas, lista de figuras.

1. Estágio Não Obrigatório. 2. Educação infantil. 3. Ensino de Artes Visuais. 4. Relato de Experiência. 5. Práticas pedagógicas. I. Santos, Noeli Batista dos, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao(s) dez dia(s) do mês de junho do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Me formando com crianças aprendi a ensinar: um relato de experiência sobre as vivências em artes visuais no estágio não obrigatório no DEI/CEPAE/UFG”, de autoria de Beatriz França Oliveira, do curso de Artes Visuais - Licenciatura do(a) Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela prof.^a Noeli Batista dos Santos - orientadora (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral (FAV/UFG); e Ione Mendes Silva Ferreira (DEI/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 9,9 pontos, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Noeli Batista Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 10/06/2025, às 10:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Valeria Fabiane Braga Ferreira Cabral, Professora do Magistério Superior**, em 10/06/2025, às 10:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ione Mendes Silva Ferreira, Professor do Ensino Básico Técnico Tecnológico**, em 11/06/2025, às 22:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5379885** e o código CRC **F0DF9414**.

DEDICATÓRIA

Dedico este TCC aos meus pais, Mônica e José, que são meus exemplos e maiores torcedores. E também às crianças do DEI, sem elas essa monografia não existiria. Obrigada por serem uma das maiores alegrias que tive durante minha graduação.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente à minha orientadora, Noeli, pois sem ela nada disso seria possível. Não foi uma trajetória fácil, pelo contrário foi cheia de dificuldades, mas ela sempre esteve ao meu lado me apoiando e sou muito grata por tudo. Em segundo lugar quero agradecer aos meus pais, à toda minha família e as minhas amigas por acreditarem que eu conseguiria chegar até aqui, amo vocês! Gostaria de agradecer também a professora Valéria, pois sem ela nunca teria conhecimento sobre a possibilidade de atuar na educação infantil e nem conhecido o DEI, e é claro por ter contribuído na minha formação docente, estando inclusive na banca de apresentação deste TCC. E por fim gostaria de agradecer à todos os funcionários do DEI (professores, estagiários, administrativo, cozinha e limpeza), aos pais e as crianças que me acolheram durante esse percurso e me ensinaram bastante, e dentre esse pessoal gostaria de agradecer em especial a minha supervisora, Ione, por ser uma fiel apoiadora, acreditar no meu potencial e me ajudar a crescer enquanto professora de artes na educação infantil, e por aceitar estar na minha banca. À todos o meu muito obrigada, esse TCC não existiria sem vocês!

RESUMO

Este estudo, desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Artes Visuais - Licenciatura, modalidade presencial, da Faculdade de Artes Visuais da UFG, objetivou analisar a importância do Estágio Não Obrigatório no Departamento de Educação Infantil (DEI) do CEPAE/UFG como forma de compreender e valorizar o ensino de Artes Visuais e sua contribuição na construção do currículo para a educação infantil. Para tanto, foi utilizado o método qualitativo de pesquisa a partir do Relato de Experiência, em conjunto com a revisão de literatura, através do desenvolvimento de reflexões que possam problematizar práticas pedagógicas em arte nessa fase da educação básica; compartilhar, através dos relatos de experiências no Estágio Não Obrigatório, como as vivências artísticas com as crianças deflagraram diferentes formas de experienciar a arte; discutir possibilidades de aperfeiçoamento das práticas pedagógicas, de maneira que contribuam para um melhor aprendizado de conteúdos procedimentais em artes visuais. Por meio desse estudo espera-se que as reflexões e vivências aqui relatadas possam ser utilizadas como auxílio e também aprimoradas em pesquisas, construções de currículos e novas experiências.

Palavras-chave: Estágio Não Obrigatório. Educação infantil. Ensino de Artes Visuais. Relato de Experiência. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

This study, developed as a Final Undergraduate Project (TCC) for the Visual Arts - Licentiate Degree program, in the face-to-face modality, at the Faculty of Visual Arts of UFG, aimed to analyze the importance of the Non-Mandatory Internship at the Department of Early Childhood Education (DEI) of CEPAE/UFG as a means of understanding and valuing Visual Arts teaching and its contribution to curriculum development for early childhood education. For this purpose, the qualitative research method was used, based on Experience Report combined with literature review, through the development of reflections that can problematize pedagogical practices in art at this stage of basic education; sharing, through experience reports from the Non-Mandatory Internship, how artistic experiences with children triggered different ways of experiencing art; discussing possibilities for improving pedagogical practices in a way that contributes to better learning of procedural content in visual arts. Through this study, it is expected that the reflections and experiences presented here can be used as support and also improved in research, curriculum development, and new experiences.

Keywords: Non-mandatory Internship; Early Childhood Education; Visual Arts Teaching, Experience Report; Pedagogical Practices.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Experienciando monotipias.....	31
Figura 2 — Experienciando carimbos com folhas.	34
Figura 3 — Experienciando frotagens.	36
Figura 4 — Experienciando isogravuras.....	39

LISTA DE ABREVIATURAS

FAV	Faculdade de Artes Visuais
CEPAE	Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
UFG	Universidade Federal de Goiás
UEI	Unidade de Educação Infantil
SISU	Sistema de Seleção Unificada
DEI	Departamento de Educação Infantil
LDB	Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 ARTE E EDUCAÇÃO INFANTIL, É POSSÍVEL?.....	20
1.1 Onde tudo começou.....	22
2 SEJAM BEM-VINDOS AO DEI.....	25
2.1 Acolhida.....	27
2.1.1 “Momotipia”, <i>ops</i> Monotipia — 11/07/2024 e 10/09/2024.....	28
2.1.2 Entre tintas, folhas e carimbadas — 25/07/2024.....	32
2.1.3 Raspadinha de folhas: Frotagem — 11/11/2024.....	35
2.1.4 Isogravar brincadeiras — 09/12/2024.....	37
3 ENSINANDO E APRENDENDO.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47

INTRODUÇÃO

De acordo com o dicionário *Michaelis Online*, experiência tem como um de seus significados “Conhecimento adquirido (das coisas) graças aos dados fornecidos pela própria vida (pela prática ou observação)”. Sendo assim, posso afirmar que o maior referencial presente nessa pesquisa é minha jornada no DEI, o fragmento da minha vida onde pude convergir a arte e a educação infantil e coexistir com elas. Se não fosse pelas experiências aqui vividas talvez nunca chegasse a pensar sobre a arte na educação infantil, poderia perpassar por textos, mas a reflexão advinda da prática não estaria presente e, portanto, essas divagações que resultaram nessa pesquisa poderiam nunca visualizar a luz do sol.

Entretanto as experiências foram vivenciadas e a jornada existiu, daí este trabalho surgiu e para poder dar início a algo que, de certa forma, já foi iniciado pretendo retornar ao meu passado e explicar como cheguei até aqui, o que foi a arte para mim nesses anos onde ela nem sequer me era conhecida, por uma *Bia* que nem ao menos sonhava em ser professora, quem dirá de artes visuais.

Em 19 de outubro de 2001, em uma tarde chuvosa, nasce uma certa menina...

Anos se passaram e ela enfim está em idade escolar e durante seus anos de escola uma lei chamada Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, também conhecida como LDB, já estava em vigor desde 1996, e sabe o que ela dizia? Em seu Artigo 26, Parágrafos 2º e 6º, estabelece que o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, é componente curricular obrigatório da educação básica. E que as linguagens que compõem esse componente curricular são as Artes Visuais, o Teatro, a Dança e a Música. Só que o estranho é que ela não se recorda de ter um ensino de artes obrigatório no currículo.

A disciplina constava no boletim, mas as aulas não estavam presentes na carga horária, ninguém reprovava e nota baixa numa disciplina como essa era considerada inaceitável nas escolas em que ela estudou. Durante os anos iniciais ela até se recorda de algumas atividades artísticas, mas a arte era sempre para alguma coisa, a favor de uma outra disciplina, como auxílio, atividade extracurricular ou simplesmente para decoração de datas comemorativas. E quando passou a ter disciplinas de história

da arte, que só existiram durante o seu primeiro e segundo ano do ensino médio (no terceiro ano depois de muita insistência dos alunos tiveram apenas uns três meses de história da arte na carga horária), eram sempre voltadas para aquelas obras que estão em museus e que pouquíssimas pessoas terão acesso na vida real.

Até entrar na faculdade nunca tinha ido à exposições, nem instalações e mal sabia que a arte estava tão próxima, sempre esteve, mas não como àquela dos livros. Apreciava a grafiteagem das ruas e becos, achava incrível a colagem nos muros, que mais tarde descobriu que se chamava Lambe, adorava fazer caligramas, mas como nada a lembrava as esculturas de Michelangelo ou as pinturas de Caravaggio então não era arte.

E aqui devo criar um adendo: nem tudo é arte, aprendemos isso desde cedo no curso, mas também em nossa formação crítica aprendemos a ser seres pensantes e apesar do sistema da arte ditar o que é arte ou não, algumas vezes podemos discordar do mesmo, mas sempre tendo em vista que aqui já se torna uma opinião pessoal, uma questão de gosto. Entretanto, algumas vezes é mais do que isso, é questão de debate, como a eterna problemática dos termos “arte erudita” e “arte popular”, que leva a reflexões acerca de “é popular por ser menos arte? Pela população ter mais chances de acesso?”

Enfim algo a se pensar, mas não é por esse caminho que esta pesquisa irá seguir e se continuarmos por aqui só abriremos mais portas sem nunca fechá-las, mas passei por esse desvio de rota apenas para dizer que nem tudo é arte, mas às vezes ela está ali perto de você e nunca foi percebida por não se parecer com a arte propagada no nosso ensino classicista de artes.

Voltando às lembranças...

Até chegava por meio de fotos, geralmente daqueles professores que viajavam, obras diferentes, modernistas, contemporâneas, expostas em museus, galerias e na Bienal de São Paulo, mas não eram a maioria, não era o que estava em 90% dos livros e nem nas aulas do ensino fundamental que geralmente eram dadas por professores de outras disciplinas (com certeza um debate importante para uma outra pesquisa, certo?). Bom, é claro que ela tinha mais acesso a informação do que algumas pessoas têm e poderia ter pesquisado por conta própria, a curiosidade

poderia ter sido maior, mas que curiosidade? Como ser curioso sobre algo que não lhe pertence? ¹

O ensino de artes na educação infantil era superdivertido com suas cores, telas, massinhas, tintas, lápis e canetinhas, mas suas atividades eram baseadas em repetição de vídeos, obras existentes, impressões de desenhos prontos e no famoso “desenhem o que quiser”, também tinha os desenhos para o dia de tal coisa, ilustrar o livro lido etc.

E vejam, o problema aqui não é a repetição em si, para se aprender a desenhar é importante o referencial, a imagem no ensino da arte é importante e não deve ser banalizada², a repetição também faz parte já que repetindo também se aprende, e em algumas linguagens da arte como a gravura a repetição também está presente.

A questão aqui é o não ter um objetivo, não ter uma proposta, um aprendizado, mas apenas ocupar o tempo da aula com alguma coisa ou utilizar o ensino de arte em prol de outra coisa. Até porque era uma “aula de relaxamento”, não tinha pesquisa e em algumas etapas nem prova tinha, não se reprovava já que “seria um absurdo”, então para que se esforçar?

As aulas de história da arte eram sempre no último horário, quando todos estavam apenas contando os minutos para ir embora, depois de 5 aulas de 50 minutos sobre assuntos pesados nas disciplinas de matemática, química e português ninguém estava atento aos slides sobre obras que ouviam desde sempre e ainda sim não reconheciam a importância em aprender, ainda mais com o professor de história que ainda naquela semana tinha dado aula de história geral e do Brasil.

¹ “A visão precede a palavra. A criança olha, vê e reconhece, antes de saber falar.” (Berger, 1996, p. 1). Ou seja, como conhecer sem ver? A visão é uma importante aliada do conhecimento, em especial no ensino de Artes Visuais, dessa forma é importante que tenhamos esse primeiro contato antes de avançar para as análises, pesquisas, reflexões e busca por ampliar o repertório. Sendo assim, se eu aquilo não fazia parte do meu cotidiano e nem tinha quem valorizasse seu ensino a ponto de nos mostrar que era importante, como eu iria simplesmente decidir ter curiosidade e buscar aprender e conhecer mais?

² “A produção de arte faz a criança pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais, mas somente a produção não é suficiente para a leitura e o julgamento de qualidade das imagens produzidas por artistas ou do mundo cotidiano que nos cerca. Este mundo cotidiano está cada vez mais sendo dominado pela imagem. Há uma pesquisa na França mostrando que 82% da nossa aprendizagem informal se faz através da imagem e 55% desta aprendizagem é feita inconscientemente” (Barbosa, 2004, p. 34) A imagem está inserida em nossa vida de diversas formas, não há como fugir dela, portanto o melhor a se fazer é inseri-las como parte da educação e ensinar a como usá-las como ferramentas e não nos deixar ser dominados por elas.

Mas é claro que não existe apenas a parte ruim da história, sabemos que a vida não funciona assim, então ela viveu sim momentos em que o ensino de artes se mostrou no melhor, nem sempre da maneira como imaginava, todavia, de uma forma que marcou.

No seu quarto ano uma querida professora resolveu trabalhar a temática do cordel brasileiro em sala, e para isso, apesar de artes não ser sua formação, trouxe em sala a matriz de uma xilogravura e explicou como funcionava a técnica, todos tiveram a oportunidade de tocar na madeira entalhada e ter um breve vislumbre de como aquela imagem era feita.

Em seu sexto ano teve uma experiência com a “Pop art” com pesquisa envolvendo artistas, métodos de reprodução e técnicas e sua importância para a história em especial naquele momento. Depois a atividade proposta a turma era escolher uma arte como referencial e reproduzi-la fidedignamente ou alterá-la. A questão problema da atividade é que se utilizou tinta à óleo sem que os alunos possuíssem experiência para isso, e, portanto, os percalços foram inevitáveis. A obra resultante dessa tentativa infelizmente “não está mais entre nós”, pois alguns anos depois uma Bia furiosa com esse quadro, que ficava no meio da sala para TODOS verem, resolveu rasgá-lo ao meio com uma faca obrigando que sua mãe o jogasse fora por não ter conserto.

Após esse percurso chegou então naquela angustiante sensação de ter que decidir o rumo de sua vida (e vocês acreditam que caí na licenciatura em artes visuais de paraquedas?). Pois é, até o penúltimo dia do SISU ela estava concorrendo na vaga de farmácia da UFG e foi quando viu que passaria, que a realidade bateu com força e ela entrou em desespero porque apesar de adorar os experimentos no laboratório na época de escola não era aquilo que queria para a sua vida.

Então um anjo na forma de sua irmã lhe mandou o site da FAV e foi quando ela lembrou-se de quando foi ao Espaço das Profissões e passou por lá, então leu sobre o curso de artes visuais bacharelado, mas não lhe pareceu algo do seu interesse, diferente do curso de artes visuais licenciatura.

Ela não se considerava boa em arte, não possuía qualquer conhecimento que não fossem os dos livros de história da arte, não tinha vivências em lugares como museus e galerias, não conhecia artistas goianos e não tinha nenhum olhar artístico

para instalações, arte moderna ou contemporânea, não entendia coisas que eram consideradas arte e para ela eram apenas um ponto de interrogação enorme. Ainda assim, apesar de tudo, trocou e colocou “Artes Visuais - Licenciatura” como primeira opção e vejam só: Passou!!! E aí em março de 2020 sua jornada como estudante de artes visuais licenciatura começou e ela em um mundo desconhecido adentrou.

Com certeza minha caminhada não foi fácil, me sentia insegura naquele ambiente, parecia que todos detinham uma experiência artística que me faltava, conhecimentos de coisas que nunca tinha ouvido falar e que para eles pareciam o básico. Logo no início do curso também veio a pandemia de Covid-19 e as aulas remotas e o sonho de aprender mais com a prática artística ruiu por fim. Tranquei um semestre, pensei em mudar de curso, estava desanimada e o sentimento de não ser adequada para aquele espaço era cada vez maior, não me encaixava.

Em 2022 voltamos ao presencial, práticas que eu ansiava mais que tudo, como Fotografia e Pintura, ficaram no remoto, em uma experiência que não foi o que eu esperava e a sensação de que aquilo não era para mim me consumia todos os dias. Até que veio o Estágio Supervisionado Obrigatório I³, onde surgiu uma dúvida: por que não podemos atuar na educação infantil? Esse questionamento mudou a rota planejada e graças ao empenho da professora Valéria acabei por conhecer o Departamento de Educação Infantil do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE)/UFG e esse fragmento da jornada renovou minhas expectativas e me fez persistir. Em outubro de 2023 retorno ao DEI no Estágio Supervisionado Obrigatório II⁴, agora sem máscaras, com mais dias de campo e com um conhecimento maior do espaço, foram dias que me fizeram muito feliz e me mostraram o quão ávidas as crianças são por conhecimento e como o ensino de artes nessa fase da educação básica se faz necessário. Estar ali não foi uma exigência, não era algo pensado pela estrutura do curso, mas foi um diferencial e uma escolha que fiz, duas vezes.

³ Estágio Supervisionado Obrigatório I, disciplina que consta no 5º período da grade de 2020 do curso de Artes Visuais - Licenciatura da FAV/UFG, ministrada pela docente Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral, tendo como local concedente o DEI/CEPAE/UFG, na turma Tatu-bola matutino (de crianças de 3-4 anos) e tendo como supervisora a professora Poliana Carvalho Martins.

⁴ Estágio Supervisionado Obrigatório II, disciplina que consta no 6º período da grade de 2020 do curso de Artes Visuais - Licenciatura da FAV/UFG, ministrada pelo docente Luiz Henrique Arantes Araújo Olivieri, tendo como local concedente o DEI/CEPAE/UFG, na turma Dinossauro matutino (de crianças de 5-6 anos) e tendo como supervisora a professora Milna Martins Arantes.

Durante aqueles meses descobri por meio de uma estagiária a existência do Estágio Não Obrigatório, aonde se vai todos os dias da semana durante o contraturno do curso, então ela ficou de me enviar quando abrissem o edital e assim que tive a oportunidade me inscrevi. O Estágio Não Obrigatório oferta uma bolsa, assim como tantas outras na UFG, mas ela exige muito e, talvez, se seu objetivo for apenas o financeiro não seja algo que compense, pois exige muito fisicamente e mentalmente. Trabalhar com crianças não é fácil, trabalhar com seres humanos em geral, temos dificuldades até de nos entender, quem dirá ao próximo, mas trabalhar “com mini seres humanos que estão em formação”⁵ é algo de outro nível e apesar de as primeiras semanas (e até alguns outros dias ou meses) terem sido desgastantes eu não trocaria minhas vivências naquele espaço por nada, pois foi ali que enfim me senti pertencente, foi ali que pela primeira vez me senti uma Professora de Artes Visuais.

Logo, de tais problematizações, surge a questão de pesquisa que orienta esse relato de experiência: Como o Estágio Não Obrigatório em Artes Visuais no DEI/CEPAE/UFG contribuiu para a minha formação docente, especialmente no reconhecimento e valorização das práticas artísticas no contexto da Educação Infantil?

E, como objetivo geral, esse relato busca compreender a importância do Estágio Não Obrigatório no Departamento de Educação Infantil (DEI) do CEPAE/UFG como forma de valorização do ensino de artes visuais na educação infantil.

E partindo dele busca:

1. Problematizar práticas pedagógicas em arte nessa fase da educação básica;
2. Compartilhar através dos relatos de experiências no Estágio Não Obrigatório como as vivências artísticas com as crianças deflagraram diferentes formas de experienciar a arte;
3. Discutir possibilidades de aperfeiçoamento das práticas pedagógicas de maneira que contribuam para um melhor aprendizado de conteúdos procedimentais em artes visuais.

⁵ E aqui faço uso desse termo, apesar de todas as discussões sobre o conceito de infância e da visão passada dos mesmos serem vistos como ‘adultos em miniatura’, de forma carinhosa, pois se trata de uma das formas que eu chamava as crianças em algum momento, assim como: criaturinhas, pequeninos, senhor(es) e senhora(as), mas em geral referia-me aos mesmos por seus nomes.

A respeito da abordagem metodológica escolhida, “O narrado pode ser apreendido [...]” e o relato de experiência “[...] trata-se de promover o adensamento de um campo teórico, a partir de uma experiência de efeito significativa [...]” (Daltro; Faria, 2019, *online*). A escolha de escrever um relato vêm justamente dessa percepção de que o aprendizado se dá por diversos meios e não apenas pelo tradicional estudo de dados e pesquisas, até porque “[...] aquilo que em mim sente está pensando [...]” (Pessoa, 2011 apud Daltro; Faria, 2019) e se foi assim que aprendi no DEI, de forma lúdica com as crianças, acredito não seria possível transmitir o meu pensar por meio de uma escrita mais tecnicista e apenas de análise de dados, mas sim gerando através de meus relatos fontes de análise, dados e discussões ampliando o repertório para a discussão: ensino de arte e educação infantil.

Então no desenvolvimento deste trabalho, apresento na seção 1, intitulada “ARTE E EDUCAÇÃO INFANTIL, É POSSÍVEL?”, apresento os referenciais teóricos que sustentam a importância do ensino de artes na educação infantil e como no DEI esse uso já é amparado pelos próprios documentos do local.

Na seção 2, intitulada “SEJAM BEM-VINDOS AO DEI”, apresento a história do local e algumas características do mesmo como divisão do espaço e dos grupos. O mesmo possui uma subseção intitulada ACOLHIDA onde falo um pouco sobre minha chegada ao local e específico e o grupo ao qual fui integrada. Em seguida, ocorre mais uma divisão para narrar as quatro atividades que foram executadas com as crianças.

Na seção 3, intitulada “ENSINANDO E APRENDENDO”, apresento minhas reflexões e aprendizados, falo sobre como aprendi a ser professora enquanto propunha atividades para os mesmos e como me surpreendi com suas atitudes durante esse processo e como elas marcaram minha jornada.

Nas “CONSIDERAÇÕES FINAIS” indico como a Arte na educação infantil é importante não apenas para as crianças como para nós professores, abordo sobre como o afeto e o cuidado estão vinculados à educação infantil, mas que isso não quer dizer necessariamente que seja um ensino maternalista e questiono sobre a possibilidade de inserirmos a educação infantil em discussões do curso ou pelo menos nas disciplinas de estágio como uma possibilidade de atuação.

1 ARTE E EDUCAÇÃO INFANTIL, É POSSÍVEL?

Conforme apresentado no site da FAV,

O curso de graduação em Artes Visuais - Licenciatura destina-se à capacitação de professores para elaborar e organizar, com base em princípios filosóficos e metodológicos, conteúdos e práticas de ensino e aprendizagem das artes visuais, para os diferentes níveis da educação básica. (Disponível em: ...)

Embora o foco do curso Artes Visuais - Licenciatura seja o ensino fundamental e o médio, conforme a Lei de Diretrizes e Bases podemos exercer a docência na Educação Infantil. Justamente por esse enfoque não se é muito discutida a importância do docente de artes na educação infantil, mesmo quando nos é apresentado que

A Arte é linguagem; sendo, dessa maneira uma forma de expressão e comunicação humana, ela tem papel fundamental, envolvendo aspectos cognitivos, sensíveis e culturais e, isso já é suficiente para que se justifique sua presença na vida escolar, principalmente, na Educação Infantil. (Quadros; Santos, 2012, p. 25)

De acordo com Larrosa nos encontramos em uma sociedade que foca mais na informação do que na experiência, onde o saber de dados é mais importante do que vivenciar e isso afeta diretamente o ensino de artes, pois, conforme ele destaca “[...] A experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo” (Larrosa, 2002, p. 23). Para mim essa afirmação é tão real, que mesmo em uma faculdade de artes, estamos sempre na correria de trabalhos para entregar, seminários para apresentar, planos e relatórios e aulas e textos e artigos e tantas coisas que nos falta tempo para experimentar, é tudo tão rápido que mal se digere os novos nomes e conceitos aprendidos.

Todavia o estágio é esse campo de experiência, é onde podemos ser “[...] algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos.” (Larrosa, 2009, p. 24). Em campo, somos sujeitos de experiência e é ali que experienciamos a docência e aprendemos a nos formar enquanto sujeitos pensantes, críticos e reflexivos, é onde compreendemos o universo

que nos cerca, fazemos ponte entre teoria e prática, exercitamos o diálogo e onde experimentamos.

Conforme apresentado do Projeto Político Pedagógico (PPP, 2018) do CEPAE/UFG a organização se dá em grupos etários e áreas de conhecimento, pois eles “[...] têm como compromisso ético e político a consolidação da proposta pedagógica à luz da teoria histórico-cultural para a formação da consciência da criança, sua aprendizagem e desenvolvimento [...]” (PPP, 2018, p. 12). Essa orientação serve como norte para a execução dos projetos e planos de ação dos grupos e áreas, pois

[...] os princípios norteadores dessa organização metodológica e curricular têm como mote as necessidades de aprendizagens e de desenvolvimento da criança, seus interesses e singularidades, considerando a relação dialógica entre brincar, cuidar e educar. (PPP, 2018, p. 12)

A Arte, como uma forma de expressão e comunicação humana, tem o papel fundamental no desenvolvimento, pois envolvem os aspectos cognitivos, sensíveis e culturais, na Educação Infantil. (Quadros; Santos, 2012, p. 27)

Em diálogo com as citações apresentadas, percebemos que o ensino de artes na educação infantil se faz necessário, pois favorece a criatividade, a imaginação, a motricidade, além de despertar a curiosidade e favorecer as experimentações que ampliam o repertório da criança. E não devemos esquecer que

O ensino de Arte é área de conhecimento com conteúdos específicos que deve ser consolidada como parte constitutiva dos currículos escolares, requerendo, portanto, que os professores sejam formados, para orientar a formação da criança. (Quadros; Santos, 2012, p. 27)

Assim, ter professores específicos da área é fundamental, pois geralmente a arte trabalhada na educação infantil, com raras exceções, é marcada pelos desenhos impressos e livres que podam a originalidade e criatividade, e pela falta de experimentações de materiais e das tentativas e erros, além do estigma de que criança não produz arte, mas sim faz-de-conta. Ademais, ainda há o fato de que “[...] os gestores educacionais e até mesmo as escolas, investem pouco em cursos de

formação continuada nas áreas de artes visuais, teatro e dança.” (Cunha, 2019, p. 21).

Enfim...

Espero que todos tenham se convencido acerca, não apenas, da importância do ensino de artes nessa fase da educação básica, mas também da importância de se ter docentes formados na área que possam exercer esse diálogo da melhor forma possível. E é aí que o DEI se torna um diferencial, pois em seu corpo docente não se encontra apenas pedagogos, mas também professores de áreas específicas como: Artes Visuais, Artes Cênicas/Teatro, Dança, Música e Educação Física, tornando o ambiente amplamente rico para as crianças do local e possibilitando que alunos-estagiários de outras licenciaturas que não a Pedagogia possa ter o privilégio de exercer a docência ali.

Sendo amparado pela área de conhecimento Artes, as crianças têm a oportunidade de explorar texturas, obras, visitar exposições e compreender a importância das imagens no mundo ao seu redor. E “[...] se a arte diz mesmo o que dizem as crianças [...] nós, que pensamos sobre a educação, sabemos ouvir?” (Loponte, 2008, p. 121).

1.1 Onde tudo começou

Como dito anteriormente, antes do estágio não obrigatório veio os estágios obrigatórios e foi durante esses períodos que eu conheci e me apropriei do espaço DEI, mesmo que a experiência de estagiária obrigatória que vai uma vez na semana seja bem diferente da estagiária bolsista que vai todos os dias e acompanha todo o processo de reuniões, conselhos, etc. Entretanto sem esse passo inicial nunca chegaria onde me encontro no momento.

Durante a primeira disciplina de estágio, no curso existem quatro, tivemos uma reunião sobre as opções de escolha de campo de estágio, onde a professora Valéria nos comunicou sobre a possibilidade de trabalhar na educação infantil e eu tomei a iniciativa de perguntar se poderíamos fazer estágio nesse campo, logo outros colegas demonstraram interesse e partimos nessa jornada pelo universo da infância.

Tudo isso aconteceu no ano de 2022 e antes de entrarmos em campo tivemos uma reunião com a professora Bárbara que nos explicou como o DEI surgiu, curiosidades e nos explicou sobre o local, escolhemos nossos grupos e fomos soterrados por muitos textos sobre a educação infantil e como trabalhar com crianças, tanto pela professora Bárbara quanto pela Valéria, para que pudéssemos entender a importância do trabalho na educação infantil e como a formação das crianças é algo sério e que necessita de um estudo aprofundado.

Durante esse primeiro contato íamos somente de 15 em 15 dias, pois dividimos a regência com o curso de educação física nas quintas feiras de manhã, e nos dias que não íamos tínhamos estudos sobre a educação infantil com a professora Valéria que sempre foi muito solícita em nos ajudar. Como no DEI tem 5 grupos cada aluno que escolheu estar ali ficou em um grupo específico e todos fizemos regência nesse ano, foi uma experiência caótica, divertida e marcante, pois as crianças realmente se envolveram com o que foi proposto.

Entretanto eu sempre fiquei com a sensação de como se não tivesse aproveitado tanto, já que só íamos duas vezes no mês e o semestre nessa época não era bem um semestre, pois tudo estava bagunçado após voltarmos da quarentena do Covid-19. Logo, porém veio o segundo estágio e como o professor Olivieri também nos permitiu escolher o campo de estágio resolvi que faria no DEI novamente.

E então em 2023 lá estou eu mais uma vez, só que agora nas segundas de manhãs, todas, sem divisão com outro curso e dessa vez em outro grupo. Como a professora que acompanhei nessa época era formada em Educação Artística esse estágio foi de extrema importância para eu perceber as possibilidades de se trabalhar arte na infância e com conteúdo, pois a professora fazia questão de sempre ter atividades relacionadas ao universo artístico durante os meus dias de campo e isso me possibilitou ver como as crianças aprendem e são criativas na hora de criar e como elas conseguem assimilar conteúdos e entender as propostas.

Assim como no estágio anterior também tive um dia de regência, onde trabalhei fotografia com as crianças e o resultado me encantou, foi quando eu vi a importância de se ter professores formados nas áreas, como ter conhecimento das coisas faz com

que eles se interessem pelo que é proposto, e foi quando eu decidi que queria ficar mais um pouco ali naquele espaço e poder fazer isso mais vezes: levar o que aprendi e sei e aprender com eles e com os resultados.

2 SEJAM BEM-VINDOS AO DEI

O Departamento de Educação Infantil, DEI, está localizado no Campus Samambaia (Campus II da UFG), em Goiânia, Goiás. Anteriormente, era conhecida como Creche UFG e de acordo com o documento *Organização do Trabalho Pedagógico do DEI*, foi fundada em 1989 e era vinculada a PROCOM, seu objetivo inicial era atender aos filhos da comunidade universitária.

Em 2001 “[...] torna-se campo efetivo do estágio curricular não-obrigatório, assumindo o compromisso com a formação de professores e outros profissionais [...]” (DEI, 2020, p. 11) e em 2006 passa a ser também campo de estágio curricular obrigatório tanto da UFG quanto de outras Instituições de Ensino Superior (IES), contribuindo para a formação de profissionais dos cursos de Pedagogia, Letras, Letras Libras, Educação Física, Artes Cênicas, Artes Visuais, Nutrição, Música, Comunicação Social e Psicologia. No ano de 2013 se torna um órgão complementar do CEPAE e passa a ser uma Unidade de Educação Infantil (UEI). Entretanto, em agosto de 2014, em decorrência do novo regimento do CEPAE, discutido entre os anos de 2012 a 2014, o local passa a se constituir enquanto um Departamento e, portanto, sofre uma mudança no nome, DEI, e também em sua estruturação didática.

Agora não mais creche, o DEI se torna um centro de ensino que busca a cada dia o reconhecimento da educação infantil enquanto local de pesquisa, trabalho e educação, tentando desvincular a ideia de maternidade e informalidade que parecemos ter intrinsecamente dentro de nós em relação ao ensino nessa faixa etária. É claro que o cuidado e o afeto estarão presentes afinal estamos tratando de crianças aqui e que são mini seres humanos em formação, mas tratar quem trabalha ali como quem só se formou para ser “a tia das crianças” ou “para trocar fralda” é minimizar anos de estudo, pesquisa e trabalho; é desvalorizar um trabalho que exige fisicamente e mentalmente, onde muitas vezes os recursos não são prioridades e que as profissionais precisam se desdobrar para serem inclusivas já que a cada vez mais temos a presença de crianças laudadas e que não recebem o devido suporte.

Depois desse respiro voltemos para a teoria, certo? Se tiver como objetivo conseguir uma vaga, saiba que é necessário que a criança participe de um sorteio, e quem

consegue entrar também possui vaga garantida para estudar no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE).

No DEI existem cinco grupos divididos de acordo com sua faixa etária e ao invés de nomenclaturas padrão como grupo 1, 2 e 3 ou A, B e C, existe personalidade e, portanto, lhes apresento os grupos: Arara, Lobo-Guará, Tatu-Bola, Jacaré e Dinossauro.

Os “ararinhas”, de 1 ano a 1 ano e 11 meses; os “lobinhos”, de 2 anos a 2 anos e 11 meses; os “tatuzinhos”, de 3 anos a 3 anos e 11 meses; os “jacas”, de 4 anos a 4 anos e 11 meses; e os “dinos”; de 5 anos a 5 anos e 11 meses.

De acordo com o Projeto Pedagógico de Curso o professor ali é um mediador da criança e do aprendizado, seu objetivo é instigar e auxiliar, logo as crianças do local são bastante autônomas e convidadas a fazer o máximo de coisas possíveis sozinhas: servir o almoço/jantar, tomar seu banho, se vestir, encher sua garrafa, pegar e guardar os brinquedos e materiais.

A forma como as crianças interagem com o espaço, com as professoras, com elas mesmas e com as atividades propostas foi o que mais me chamou atenção durante meus períodos de estágio (obrigatório e não obrigatório), e elas fazem isso não só porque querem e gostam, mas também porque o ambiente lhes possibilita isso, ali elas podem expressar suas ideias, dizer se gostaram ou não, se querem ou não; a criança é tratada como um ser humano que possui seus gostos e vontades, ali elas possuem voz.

E é claro que tudo isso torna o ambiente acolhedor, amplo e diversificado, resultando em um local cheio de desenhos, brinquedos e intervenções feitas pelas crianças. Mas isso não quer dizer que lá é perfeito — as quatro áreas em que o DEI é dividido: administrativa, de apoio, pedagógica e externa, sendo que as duas últimas são de livre acesso para as crianças, que podem e têm o total direito de acessá-las e interferirem — necessitam de alterações, pois ainda falta muita inclusão estrutural no espaço. Assim como as salas de referências dos grupos, que geralmente são salas de outras coisas (sala de artes, livros, música), mas que no fim se tornaram apenas salas de aula como tantas outras perdendo seu propósito inicial.

2.1 Acolhida⁶

Entre férias e greves, o campo demora um pouco para acontecer. Mas, em 3 de junho de 2024, o momento tão esperado chega e pela primeira vez vou ao DEI no contraturno do meu curso e para ficar todos os dias, de segunda a sexta das 12h30 às 16h30. Estava super ansiosa e nervosa, pois eu era conhecida no matutino e não iria ficar em um grupo onde já conhecia as crianças, seria tudo muito novo e diferente. Bom, acredito que todos já saibam que tudo deu muito certo, até porque virou o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Sendo assim pretendo falar um pouco sobre o meu grupo e suas particularidades antes de apresentar as atividades. O grupo Jacaré vespertino era composto por 15 crianças sendo que 6 delas são integrais, e possuíamos 8 meninas e 7 meninos numa faixa etária de 4-5 anos (alguns tinham acabado de fazer 4 e outros já estavam se encaminhando para os 5 anos).

A equipe que compunha o grupo Jacaré era formada por uma professora efetiva, uma estagiária não obrigatória, uma estagiária não obrigatória da inclusão e duas mediadoras.

Aí vocês se perguntam: tudo isso? Ah com certeza era bem tranquilo de trabalhar né? Pois já aviso de antemão que não.

Em nosso grupo tínhamos duas crianças autistas não verbais, uma tendo grau de suporte 2 e o outro grau de suporte 3⁷, além das dificuldades existentes entre as outras crianças não neuro divergentes, mas ainda assim éramos firmes na nossa

⁶ Termo utilizado pelo DEI para se referir ao momento em que as crianças chegam ao local e são recepcionadas pelos professores de seus respectivos grupos ou pelo coletivo.

⁷ O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por algumas alterações na comunicação (seja ela verbal ou não verbal), interação social e comportamento (como hiperfoco em objetos, atividades ou movimentos, rigidez em relação a mudanças e restrição de interesses e ações repetitivas). De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição (DSM-5) “A gravidade baseia-se em prejuízos na comunicação social e em padrões de comportamento restritos e repetitivos” e, portanto, o dividimos em níveis de suporte, que é a quantidade de ajuda necessária para que aquele indivíduo exerça suas atividades do dia a dia e estabeleça relacionamentos, os níveis vão de 1 a 3, sendo que o nível 3 é o que necessita de mais apoio.

proposta de sermos o mais inclusivas possíveis nas atividades propostas, e se tem uma coisa que criança gosta é de tinta.

2.1.1 “Momotipia”, *ops Monotipia* — 11/07/2024 e 10/09/2024

Meu contato com a gravura se deu de forma remota e durante a pandemia, mas enquanto pensava em uma atividade na qual todas as crianças pudessem participar e que envolvesse um conteúdo de artes visuais, com explicação e prática, não conseguia parar de pensar em uma palavra estranha que ouvi naqueles dias do passado. Então fui buscar em meu acervo de textos universitários a monotipia que não era a que tradicionalmente aparece quando se pesquisa na internet.

Monotipia é uma técnica da gravura que possui uma única matriz, entretanto a monotipia que eu queria era uma chamada “Monotipia com Manchas” onde a professora Adriana Mendonça⁸ fez uso dos “testes de Rorschach”, da psicologia, para criar diferentes manchas espelhadas que resultaram no “Livro das Manchas Espelhadas”⁹. A técnica utilizada consiste em dobrar uma folha de papel ao meio e depois abri-la novamente, de um lado colocar as tintas e então fechar o papel e amassá-lo para que as cores se misturem e deem origem a diferentes formas.

Realmente é algo fácil de se fazer e que talvez algumas pessoas que nem sabem o que é monotipia ou os testes de Rorschach podem ter feito isso em sala, mas o diferencial é: eles não fizeram porque eu falei para fazer, não foi um fazer por fazer ou para cumprir uma quantidade X de atividades, o propósito era mostrar para eles que a arte consegue estar em diferentes etapas da educação e de diferentes modos.

A atividade foi proposta da seguinte maneira: reuni todos na ludoteca onde o local já estava arrumado com folhas e tintas; para dar início, nos sentamos em uma roda onde expliquei para eles sobre o meu curso, minha faculdade, sobre as aulas

⁸ Adriana Aparecida Mendonça é uma professora da FAV/UFG, doutora em Arte e Cultura Visual, possui experiência em ilustração e, atualmente, dá aula de Gravura para os cursos de Bacharelado e Licenciatura, além de aulas para os cursos de Design Gráfico e Digital.

⁹ Livro citado como sua produção em sua tese de doutorado “Impressões: experimentações com gravura em livros de artista e fanzines” de 2018, que pode ser encontrada em: MENDONÇA, Adriana Aparecida. **Impressões**: experimentações com gravura em livros de artista e fanzines. 2018. 322 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Acesso: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/2003021b-53b0-40f9-b398-ff7750dd0872>>.

que tenho e eles perguntaram sobre o que tinham interesse, então instiguei se eles sabiam o que íamos fazer ali e muitas respostas foram pintar. A partir dali a pergunta foi se artes era só pintar e desenhar e muitos responderam que não sabiam. A partir daí comecei a explicar que as aulas que falei antes faziam parte da arte (fotografia, pintura, gravura...) e que eu ia trabalhar com eles um pouquinho de gravura.

Comecei a situá-los que a gravura é uma parte da arte, assim como o parquinho faz parte do DEI e que na gravura existem várias técnicas diferentes, tal como no parquinho temos vários brinquedos, e que a técnica que íamos ver se chamava Monotipia — eles até que se saíram bem já que só trocaram o N pelo M.

Expliquei o que é, como surgiu e como a atividade seria feita, quais as regras para que a técnica desse certo e o que não poderia ser feito. Todos prestaram bastante atenção e na hora de fazer a atividade foi um alvoroço, todos estavam empolgados e a atividade foi um sucesso, mas essa tinha sido apenas a primeira tentativa.

Em 10 de setembro de 2024, quase dois meses depois, retomamos a Monotipia e agora com o objetivo de fazê-la grande e colorida — e se antes o A4 branco já tinha sido um sucesso imagina agora com as cartolinas coloridas, a empolgação foi imensa. Todavia, melhor que a empolgação deles foi perceber que assim que os mesmos viram a tinta e as cartolinas já perguntaram se iriam fazer “Momotipia” e nesse dia estavam conosco estagiárias da Faculdade de Educação que ficaram com um ponto de interrogação no rosto quando eles disseram isso. E sabe o que aconteceu? Eles explicaram para elas tudo o que eu falei para eles antes, sem a parte da origem, dos testes, do nome e da professora, mas eles souberam explicar que era uma técnica e como fazê-la. Têm noção do quanto isso é sensacional?

Quando as crianças aprendem de verdade elas conseguem ensinar, e quando elas entendem que no ensino de arte existem regras, técnicas, experimentações e que o desenho livre é só um pequeno pontinho no imenso universo que se pode explorar desse ensino tudo muda. É claro que eles terem o tempo de fazer seus desenhos é importante, mas eles também precisam se ampliar artisticamente, ou seja, ampliar seu repertório artisticamente e, para isso, é necessário que o professor não só passe a atividade, mas dê um contexto, o porquê daquilo, as origens e as regras.

Nesse *round 2* da Monotipia mudaram alguns materiais e com isso novas regras surgiram, as regras de não exagerar na tinta e tomar cuidado na hora de amassar a folha para não vazar tinta permaneceram, mas agora existia a regra de “*não poder utilizar a tinta da cor de sua cartolina*”, era muito satisfatório vê-los olhando e analisando as tintas para saber se apareceriam ou não no papel e se poderiam ou não utilizá-las e também ajudando (e vigiando) os amigos.

E como se não bastasse tudo o que já narrei ainda existem mais dois pontos extremamente satisfatórios: 1. As duas crianças autistas participaram da atividade com excelência e uma delas gostou tanto que queria continuar fazendo; 2. Uma das mães chegou me contando que a criança ensinou para o resto da família o que era Monotipia quando foi mostrar o resultado de sua atividade. Foi gratificante perceber que eu consegui executar essa proposta mais de uma vez e que as crianças entenderam o conceito.

Figura 1 — Experienciando monotipias.



Fonte: Arquivo pessoal.

2.1.2 Entre tintas, folhas e carimbadas — 25/07/2024

Nesse dia confesso que a atividade não estava planejada, mas com as crianças autistas em crise e eu precisando lidar com uma turma sozinha por um curto período de tempo, resolvi buscar em meu repertório uma atividade que fosse prática, divertida e que estivesse ligada às artes visuais. Quando vi algumas crianças colhendo folhas no chão me lembrei de uma coisa comum do nosso cotidiano e que faz parte da gravura: o carimbo. Fiz um mutirão com os integrantes do grupo para recolhermos diversas folhas de tamanhos e formatos diferentes e reunimos todas no centro da sala e ao redor colocamos os potes com tintas.

Antes de começar expliquei para eles todo o contexto da situação e como dessa vez não estava totalmente preparada, mas que a atividade também fazia parte da gravura e era uma técnica que tinha o nome de um material, e aí se foram várias tentativas e nenhum acerto. Por fim comecei a explicação de que o carimbo reproduz imagens a partir de uma outra coisa, que chamamos 'matriz', e que os escolares podem ser de madeira, borracha e até mesmo aqueles infantis de plástico, peguei uma imagem no celular e mostrei para eles que se lembraram do que era carimbo.

Depois abordei sobre como antigamente a reprodução de livros só foi possível graças aos carimbos que facilitaram o processo, já que não era mais preciso escrever livro por livro. Também comentei sobre ser possível fazer seu próprio carimbo de maneira simples, o que acredito ter sido um erro já que não trabalhei essa ideia com eles no futuro.

A explicação da atividade em si consistia em falar para eles que a folha seria nossa matriz e que deveríamos carimbá-la no papel, mas não de qualquer jeito e sim de maneira harmoniosa explorando diferentes formatos e tamanhos, cores e misturas e testando com muita tinta e pouca tinta. Percebi que foi essencial o uso de pincéis, pois eles possuíam certa dificuldade em manuseá-los, em especial para pintar as folhas.

Outra coisa positiva da atividade foi que eles tiveram que trabalhar no coletivo já que as tintas eram para todos assim como as folhas, e muitas vezes era preciso esperar o colega terminar de usar. A sujeira e a bagunça foram inevitáveis, mas fazem parte do processo, o único obstáculo foi que alguns enjoaram da folha rápido demais e preferiram carimbar com as mãos e depois utilizar os pincéis para pintar em cima do

resultado fazendo uma grande confusão e me fazendo perceber que às vezes é necessário já ter um plano B, porque nem sempre todos têm o mesmo nível de interesse pela atividade e que a Monotopia foi uma exceção à regra.

Figura 2 — Experienciando carimbos com folhas.



Fonte: Arquivo pessoal.

2.1.3 Raspadinha de folhas: Frotagem — 11/11/2024

Dias de chuva exigem alternativas e foi assim que a frotagem passou a ingressar as atividades ofertadas ao grupo jacaré, mais uma técnica de gravura e quer acreditem ou não isso não foi intencional, eu mesma só percebi essa coincidência depois da minha orientadora ter comentado.

Enfim, mais uma vez as crianças buscaram folhas, dessa vez que estivessem em locais secos, onde a chuva ainda não tinha alcançado e espalharam no chão e os materiais da vez eram giz de cera e papel A4, além das folhas. A explicação se inicia com o nome Frotagem que quer dizer friccionar e/ou esfregar, pois a técnica é basicamente colocar a matriz embaixo de um papel e esfregar com outro material por cima para que fique os registros dos traços, comentei sobre ser possível fazer com tinta e que mais tarde poderíamos testar. Expliquei como esse procedimento foi utilizado na arqueologia para capturar traços deixados na natureza (fósseis, rastros...) isso chamou a atenção deles.

Após um exemplo prático feito por mim chegou a hora de vê-los produzir e fiquei surpresa ao perceber que muitos tiveram dificuldade, eles exageravam na força e rasgavam o papel ou então não colocavam força o suficiente para a imagem aparecer, foi necessário ir auxiliando cada um até que pegassem o jeito e ainda assim alguns permaneceram com dificuldade e se dispersaram.

Depois que todos puderam fazer suas experimentações iríamos testar o modo da frotagem com tinta, mas esse nem chegou a sair já que assim que viram as tintas eles resolveram retomar a técnica do carimbo e da monotipia aprendidos anteriormente, e até mesmo criar novas versões do carimbo onde deixavam as folhas de árvores em branco e pintavam ao redor dela.

Figura 3 — Experienciando frotagens.



Fonte: Arquivo pessoal.

2.1.4 Isogravar brincadeiras — 09/12/2024

XI-LO-GRA-VU-RA. Alguém conhece? É assim que inicio a última atividade proposta ao grupo jacaré, agora quase dinos, mas ninguém sabe o que é. Bom, xilogravura é uma técnica da gravura em relevo onde a matriz é uma madeira entalhada, a qual se entinta para poder imprimir a imagem e dali fazer sua tiragem (produção de cópias). Assim como o carimbo foi importante para a produção em larga escala, impulsionando o desenvolvimento da imprensa, mas essa parte não me lembro ao certo se comentei ou não.

Aqui no Brasil a xilogravura se tornou muito vinculada aos cordéis nordestinos a ponto de que ao se pensar em um e o outro vem automaticamente na mente, tanto é que trabalhei essa temática do cordel com um outro grupo no meu estágio obrigatório, portanto a adaptação da xilogravura em isogravura (o que significa que a matriz é uma bandeja de isopor) já havia sido trabalhada em outro momento.

E no passado utilizei a imagem como referência e aprendi com meus erros. A imagem no ensino de artes é essencial, entretanto é necessário saber quando ela auxilia e quando se torna um empecilho, ao fazer minha primeira isogravura aos 10 anos de idade ter um norte foi essencial para a minha produção, olhar como geralmente são as imagens do cordel e quais elementos são os mais utilizados, me inspirar e referenciar a partir daquelas produções e não copiar.

Com a educação infantil nem sempre é assim, ter a imagem de algo para auxiliar no processo do desenho é importante, mas demanda processo, apenas ofertar a imagem sem ter tido um percurso para chegar ali por vezes trava a criança que insiste em não saber desenhar, é claro que não são todas, algumas funcionam igual a Bia do passado, ainda assim é necessário avaliar por qual caminho seguir.

Ao ter passado por uma dificuldade com a imagem de referência optei por trabalhar com o grupo tendo um referencial temático, mas deixando os desenhos abertos à imaginação dos mesmos. O tema foi brincadeiras, pois era o tema do grupo naquele ano e 90% do que foi trabalhado envolvia jogos, brinquedos e brincadeiras de culturas e locais distintos.

O local escolhido para a atividade foi o refeitório 1 onde organizei as mesas para cada criança, pois o espaço seria necessário já que seria utilizado cartolinas.

Após organizar o ambiente e os materiais, acolhi as crianças e expliquei sobre a xilogravura e sobre a técnica da isogravura que faríamos, em seguida estando no centro demonstrei como fazer o entalhe no isopor utilizando o lápis e reforçando que muita força quebraria o isopor, no entintamento foi necessário falar sobre não exagerar na tinta para que a impressão possa sair visível e por fim que eles poderiam fazer quantas cópias quisessem.

Em geral, a maioria se envolveu na atividade e gostou muito, tiveram dificuldade no entalhe e em dar formas aos seus desenhos, mas procuraram meios de se apropriar da técnica. As bandejas de isopor eram contadas, o que gerou indignação já que alguns queriam produzir mais. Algo inesperado foi que algumas crianças preferiram a matriz entintada ao papel com a impressão e consideraram que aquele era o resultado do processo.

Figura 4 — Experienciando isogravuras.



Fonte: Arquivo pessoal.

3 ENSINANDO E APRENDENDO

A partir dessas vivências chego em alguns lugares, pontos de reflexão, de dúvida ou descoberta. O uso da imagem enquanto objeto de apreciação, referenciação e análise na sala é importante, e para a educação infantil não seria diferente. Entretanto neste âmbito minhas atividades tiveram algumas lacunas, pois ao invés de trabalhar com os pequeninos e pequeninas sobre como utilizar as imagens como ponto de partida para suas experimentações e criações, preferi ocultá-la do processo, nem ao menos levando exemplos. Confesso que isso foi algo que me incomodou um pouco quando parei para refletir sobre as atividades, ainda mais quando em toda nossa formação como professores aprendemos a importância da imagem e como não existe imagem totalmente pura, toda figura tem significado e quer passar alguma mensagem, portanto no futuro pretendo atualizar as propostas com o objetivo de inserir as imagens no processo.

Ademais vivemos em um mundo imagético, desde cedo somos formados por imagens, basta apenas nos lembrar da frase de John Berger, anteriormente nos apresentada¹⁰, então ao não trazer as mesmas estou ferindo-lhes um direito. “O direito a olhar é uma recusa a permitir que a autoridade suture sua interpretação do sensível para fins de dominação, primeiro como lei e, em seguida, como estética.” (MIRZOEFF, 2016, p. 749). Se eu tivesse levado imagens teria possibilitado que elas opinassem, que pudessem tirar suas próprias conclusões sobre gostar ou não, que elas observassem e falassem o que acreditavam ser a representação ali mostrada.

Entretanto, é válido dizer que esses julgamentos são da Bia do presente, que possuiu tempo para refletir e analisar suas escolhas e resultados, enquanto a Bia do passado fez o que lhe era possível naquele momento, e aqui fica exemplificado a importância de sempre buscar se evoluir, em especial quando se é professor, até porque o mundo está sempre mudando e nós estamos sempre aprendendo, com os outros ou com nós mesmos, com nossos erros e acertos.

Talvez pensando nessas questões eu possa elaborar como trabalhar quando uma criança não quer desenhar por dizer não saber desenhar, pelo menos não da

¹⁰ “A visão precede a palavra. A criança olha, vê e reconhece, antes de saber falar.” (Berger, 1996, p. 1).

forma como eles acreditam ser 'saber desenhar'. E utilizar das imagens como auxílio para mostrar a diferença entre cópia e referência, sobre a evolução de traços, sobre treino, práticas e experimentações diversas. Até porque se tem algo que aprendi no DEI com o coletivo é que a relação criança-professora deve ser mediada por meio do diálogo, onde é imprescindível que as duas partes expressem suas opiniões e sentimentos sobre o assunto que está sendo discutido.

Outro aprendizado vem das avaliações que são feitas progressivamente e de forma cotidiana, analisando a própria evolução da criança em relação às atividades propostas e as relações estabelecidas, não existe um sistema de notas e sim um relatório que descreve os pontos fortes e fracos das crianças, e como eles estão sendo trabalhados no ambiente escolar e como a família pode colaborar. Durante este tempo com o grupo pude observar e aprender algumas abordagens etnográficas com a professora: como ela lidava com os problemas que apareciam em sala, quais os critérios usados para considerar que a criança aprendeu o que lhe foi proposto e também como as experiências e vivências poderiam ser utilizadas em sala.

Ali pude presenciar como as rodas de conversa são de extrema importância para se manter um diálogo respeitoso durante o momento de aprendizagem, a como interrelacionar conteúdos, a trazer o cotidiano para o ensino e a aprender com as crianças.

Em geral, pude aprender sobre a importância de explorar diferentes linguagens artísticas para que eles cresçam e, diferente da Bia do passado, possam reconhecer as diferentes formas de se fazer arte. E também sobre a importância da participação ativa e da curiosidade que desperta neles essa vontade de aprender e fazer. Outro detalhe é que para ensiná-los muitas vezes eu precisava reaprender o que já tinha estudado para que dessa forma eu não apenas repetisse o que um dia me foi ensinado, mas que eu transformasse o meu aprendizado de uma forma que eles pudessem compreender de forma didática e lúdica.

Na Monotopia foi a primeira vez que percebi a importância de ser clara e impor as regras e objetivos logo no início da atividade e explicando o porquê da existência delas, pois foi a partir desse direcionamento que as crianças exerceram suas atividades de forma autônoma, coletiva, inclusiva e cooperativa. E outro ponto que já até comentei foi sobre minha surpresa ao saber que mesmo após um tempo

consideravelmente longo para eles, os mesmos ainda possuíam conhecimento da atividade e mais conseguiram explicá-la para os outros, ou seja, eles compreenderam verdadeiramente o que lhes foi ensinado e esse conhecimento ultrapassou as paredes da sala de aula.

Nos Carimbos desenvolvi a habilidade de adaptação, de transformar situações inesperadas em momentos de aprendizagem, foi onde tive que buscar algo simples, do cotidiano e que eu soubesse explicar de forma prática e didática sem ter que buscar muitos referenciais, foi pensar rápido e executar enquanto aproveitava o engajamento. E onde percebi a necessidade de aceitar que muitas vezes é preciso estar pronto para sair do roteiro e modificar os planos de acordo com o interesse e envolvimento dos integrantes.

Na Frotagem observei sobre como a experimentação é valiosa, mas que o ajuste da técnica vem logo em seguida, pois é na repetição das tentativas de erros e acertos que eles vão evoluindo. E quando eles são contextualizados não apenas da técnica, mas também da sua importância ou contextos históricos e científicos, eles parecem se interessar ainda mais na atividade, em especial se o contexto é um dos que lhe interessa como dinossauros.

Na Isogravura minha principal aprendizagem, e que já foi o tópico de reflexão mais acima, é sobre a relação das imagens e seu uso como referência que pode tanto auxiliar quanto limitar o processo criativo da criança e, portanto, deve ser bem analisada. Outro ponto é a apropriação e adaptação feita por elas, onde reinterpretem conceitos e exploram novas possibilidades da técnica.

Enfim, foi uma relação de troca, e sinto que ganhei bem mais contribuições do que dei, aprendi a ter paciência, a intermediar diálogos e discussões, a entender que ter pulso firme não diminui o carinho e que trabalhar artes na educação infantil pode ocorrer de diversas formas: espontâneas, planejadas, com desvios, erros e acertos, com participação, distração, com objetos padrões ou improvisados, saindo do comum e que todas geram aprendizado e novas formas de ver e entender a Arte.

E as rodas de conversas tão presentes em nosso cotidiano eram mais que um momento de partilha e respeito, era um momento de compartilhar conhecimento, de aprender um pouco sobre o outro e sobre nós mesmos, de escuta atenta e é claro de muitas vivências diferentes.

Ah, vale ressaltar que nenhuma criança é reprovada no DEI, mas que esse método de avaliação serve para que a professora possa saber como ajudar cada criança em sua evolução no aprendizado. Alguns pontos levados em consideração são as relações criança-criança e criança-professora, a participação nas atividades propostas, o conhecimento dos ambientes do DEI e sua movimentação autônoma por eles, o envolvimento em brincadeiras e o diálogo.

Durante todo o meu percurso no DEI não tive muito tempo para refletir sobre os acontecimentos e atitudes naquele momento da minha vida, mas hoje ao parar para escrever sobre e refletir sobre minhas escolhas posso perceber que eu quis passar para aquelas crianças o que eu não tive, a falta que me teve ter um ensino de artes quando cheguei na faculdade me marca ainda hoje e a ausência de disciplinas práticas presenciais em razão da pandemia também, então acredito que quis mesmo que de forma inconsciente que essas crianças pudessem ter experiências boas com o ensino de artes, marcantes e que fossem divertidas.

Realmente nunca havia reparado no fato de que só escolhi atividades da gravura, mas acredito que muito se dê pelo fato de que gravura e fotografia foram as atividades com a qual mais me envolvi durante o curso, pois consegui me virar com as improvisações do contexto da pandemia e assimilar o conteúdo, além de fazer experimentações caseiras que estimulavam a criatividade e me faziam manter menos desesperançosa do curso (mesmo sentindo falta e chorando ainda hoje por não ter tido aulas nos ateliês de gravura e fotografia), diferente das demais aulas práticas, em especial o desenho, pelo qual ainda hoje, mesmo tão perto da minha colação de grau, ainda sinto grandes inseguranças.

Hoje olhando para o passado vejo que a gravura meio que também me recorda da infância, ela traz consigo coisas que muitas vezes fazemos sem saber ou perceber que são conceitos, conteúdos, mas que quando percebemos ela muda nossa forma de ver aquilo e parece que passamos a enxergar até as pequenas ações com outros olhos.

Ao final dessa jornada ainda permaneço com muitas inseguranças e conflitos internos, mas ao passar por essa jornada de escrita percebo que talvez eu não esteja tão a parte do universo da arte como achava, talvez ali em algum momento eu tenha encontrado um cantinho ao qual pertenço e a experiência da docência foi a virada de

chave que motivou essa busca pelo pertencimento. E se hoje já posso me considerar uma Professora de Artes Visuais com toda certeza foi graças às possibilidades que me foram dadas, a confiança em mim depositada e a todas as vezes que ouvi meus professores elogiarem minha didática, meus planos de aula, minhas ideias. Sem os incentivos e conselhos eu não sei se teria motivação para tentar provar que eu conseguia sim estar ali naquele local de docência em artes mesmo entrando com tão pouco conhecimento e me sentindo tão 'peixe fora d'água', mas busquei sempre aprender mais para que eu pudesse oferecer o melhor nas aulas e percebo que esse esforço sempre esteve presente e por isso o repertório conseguiu aparecer em momentos de necessidade. Portanto agradeço muito a Beatriz do passado por não desistir e persistir em sua caminhada.

E por fim...

Em junho de 2025 essa jornada da menina se encerrou, mas não é o fim, muitas ainda estão por vir. E aquela menina que antes sentia que não pertencia a esse universo agora se encontra inserida nele, ela ainda não sabe se concorda com algumas coisas, o conflito arte erudita x arte popular ainda permanece, ela ainda tem suas inseguranças e dúvidas, mas hoje a menina que nasceu numa tarde chuvosa se encontra sorrindo e chorando pelo fim desse ciclo. Ela vai sentir falta de todas as coisas, boas e ruins, que a levaram até esse caminho e também se sente grata por todos aqueles momentos e pessoas que ajudaram a formar quem ela é hoje, uma Professora de Artes Visuais (e prestes a pegar seu diploma, viu).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de minhas experiências anteriormente citadas e da pergunta que me trouxe até aqui, acredito ser possível trabalhar o ensino de arte com crianças a fim de que elas se desenvolvam criativamente durante seus anos de ensino e aprendam a valorizar a Arte. Partindo de meus relatos e de pesquisas bibliográficas percebi que é possível sim trabalhar na educação infantil conteúdos artísticos e sair do famoso “desenho livre” e das decorações festivas. Portanto, julgo que seja de extrema importância abordar esse tema em nossa área de atuação, que segue sendo desvalorizada. Até porque acredito que se desde cedo as pessoas fossem ensinadas a valorizar o ensino de artes talvez menos pessoas teriam uma experiência tão frustrante ou precária ao longo dos anos e nós, professores de artes, talvez enfim seríamos tratados com dignidade pelas escolas que muitas vezes nos jogam para escanteio.

Executando meu projeto de pesquisa, por meio de um relato de experiência, analisei como a experiência do ensino de artes vivido no Estágio Não Obrigatório no DEI pode colaborar para que possamos integrar Artes no currículo da Educação Infantil de maneira formal e lúdica, além de perceber a importância em compartilhar as memórias vivenciadas naquele local para que sejam fontes de aprendizado e aperfeiçoamento para outras pessoas.

Urge, portanto, que o ensino de artes na infância seja abordado em sala e que nos cursos de Artes Visuais - Licenciatura, mas não só, haja uma apresentação dessa possibilidade de atuação para que as pessoas possam ter a opção de escolher se querem ou não experimentar entrar nesse universo. Que durante as disciplinas de estágio a educação infantil seja uma opção e não só apenas as escolas e locais informais de ensino, que o estágio não obrigatório seja melhor divulgado para que mais pessoas possam ter essa chance de acesso.

E acredito ser válido sempre lembrar que o carinho, o afeto e o cuidado estão presentes na educação infantil e que isso não nos torna menos professores, esses momentos de auxílio e cuidado não nos torna um ensino maternalista e sim mais humanos, até porque mesmo na faculdade se não fosse pelo zelo que alguns professores tiveram para com minha pessoa, talvez eu não estivesse aqui hoje escrevendo essa monografia.

E como um dia escreveu Antoine de Saint-Exupéry “Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRE, M E D A. **Questões do cotidiano na escola de primeiro grau**. Didática e a Escola de Primeiro Grau. São Paulo, 1992.
- ARAUJO, G. C.; OLIVEIRA, A. A. Sobre métodos de leitura de imagem no ensino da arte contemporânea. **Imagens da Educação**, v. 3, n. 2, p. 70-76, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/bsant/Downloads/20238-Texto%20do%20artigo-87940-1-10-20130613.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2024.
- ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- BARBOSA, Ana Mae. A importância da imagem no ensino da arte: diferentes metodologias. *In*: BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. 5. ed. Perspectiva: São Paulo, 2004. p.27-82.
- BERGER, John. **Modos de Ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=p>. Acesso em: 1 ago. 2024.
- DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/43015>. Acesso em: 1 ago. 2024.
- DEI/CEPAE/UFG. **Documento Orientador do Estágio**. 2020.
- DEI/CEPAE/UFG. **Organização Do Trabalho Pedagógico Departamento De Educação Infantil DEI/CEPAE/UFG**. 2019.
- DEI/CEPAE/UFG. **Projeto Político Pedagógico do CEPAE/UFG**. 2018.
- Góes, M. S. Qual lugar da Arte na Educação Infantil? **Interfaces Da Educação**, 13 (39). 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.26514/inter.v13i39.5079>. Acesso em: 1 ago. 2024.
- LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte e metáforas contemporâneas para pensar infância e educação. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 112-122, abr. 2008.

MENDONÇA, Adriana Aparecida. **Impressões**: experimentações com gravura em livros de artista e fanzines. 2018. 322 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 745-768, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472>. Acesso em: 1 ago. 2024.

NEVES, L.; DIAS, J.; ANGELO, A. Notas sobre arte e sensibilidade na experiência do estágio de docência na graduação. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, v. 17, n. 46, p. 53-72, 30 ago. 2022. Disponível em: <https://interin.utp.br/index.php/a/article/view/2870>. Acesso em: 1 ago. 2024.

QUADROS, Cerli Terezinha; SANTOS, Leandra Ines Seganfredo. Ensino de arte na educação infantil: múltiplas dimensões da prática pedagógica. **Eventos Pedagógicos**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 24-32, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/9302>. Acesso em: 1 ago. 2024.

Site CEPAE. Disponível em: <https://cepae.ufg.br/>.

Site FAV. Disponível em: <https://fav.ufg.br/>.

VIEIRA DA CUNHA, Susana Rangel. Como vai a Arte na Educação Infantil? **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 5, n. 3, 2019. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/16827>. Acesso em: 1 ago. 2024.